

Suplemento SALVATERRA

O Ciclo da Lã

Numa época em que predominava a criação de ovinos e caprinos, a lã de ovelha era um recurso imprescindível na ilha de Santa Maria.

A sua produção servia para o fabrico de vestuário que depois era utilizado como meio de troca comercial. Camisolas, gorros e meias de lã eram vendidos nas lojas locais em troca de tecidos, roupas e sapatos que vestiam muitos marienses.

Sem mecanização e com instrumentos simples, o tratamento da lã era efetuado por meio de ofícios da terra, tradicionais e artesanais, que hoje só os mais idosos sabem contar.

No mês da tosquia, decidimos falar com algumas das nossas idosas que, em tempos idos, trabalharam na lã. As senhoras Maria da Glória Chaves, Maria Fernandes e Maria de Jesus Braga vão recordar como se produzia a lã de ovelha, desde a tosquia à peça de vestuário.

O TRABALHO DA LÃ
ERA PARA AS MULHERES

Maria da Glória Chaves, 81 anos

Na sua família quem trabalhou na lã? A minha família toda, menos os homens e a minha irmã mais moça. De resto, trabalhamos todas.

Com que idade começou? Eu comecei a fiar lã, a torcer e a fazer camisolas, talvez com uns 12 ou 13 anos.

Quem criava as ovelhas? Agente comprava a lã já cortada. Era só agente abrir, cardar e fiar. Ela já vinha lavada.

Esse processo de trabalhar a lã era feito todo o dia? Fazíamos serões. Uma vez era abrir, outros agente cardava e fiava.

A minha avó ia muita vez ter com agente fazer estes serões. Agente fazia para ela e ela ajudava agente também.

O que faziam com a lã? Fazíamos as camisolas, depois íamos para a loja e vendíamos para comprar fazenda para fazer calças para os homens e fazer camisas que naquele tempo não havia muita oferta.

Aquelas camisolas de lã que fazíamos não era para vestir em casa, era para vender na loja. Chegámos a fazer para uma loja em Santa Bárbara e era para os Melos.

Quando eu emigrei nunca mais peguei na lã. Mas depois quando viemos para cá outra vez por uns tempos, eu ainda fui para a escola em Malbusca, fizeram lá um curso. Ali, voltei a fiar naquela roda e ainda fiz camisolas.

Tenho pena que isso tenha acabado.

Maria Fernandes, 86 anos

Na sua família quem trabalhou a lã? Que eu me lembro, foi a minha mãe e a minha madrinha. Da parte de meu pai, também tinha uma tia lá em casa que trabalhou na lã, antes da costura.

Criavam as ovelhas? As ovelhas criávamos lá nuns pastos que tínhamos. Eram 8 ovelhas e o pior era para tosquiá-las. Antigamente cortava-se era com a tesoura.

Depois de cortada a lã, era trazê-la numas sacas. Quando podíamos, era preciso ferver água e escaldá-la, para tirar aquele sebo. Íamos depois para a ribeira, porque não tínhamos água à porta e a lã era lavada dentro de um cesto de mão, com sabão pintadinho.

Depois de lavada, trazíamos para cima às vezes às costas, a escorrer, e punha-se ao sol. Era preciso não pôr em cima de silvas ou touros porque senão ninguém podia tirar aquilo.

Lá em casa tínhamos um boro e novelões lá no pasto que meu pai tinha plantado e então púnhamos lá a lã a escorrer. Quando estava meia seca, agente punha no balcão. Acabado de secar, agente pegava nela e arrumava. Depois, era bem vardascada com um vime e ela ficava quase aberta.

Mas, passava-se a lã toda para tirar

algum borbote que tivesse ficado.

Depois, ia se cardando à medida que agente ia fiando e ia-se botando nas

condensas aquelas pastinhas e depois íamos fiando.

Fiava-se a lã e enchia-se o fuso.

Umaz faziam novelos na mão às conchinhas (uma conchinha para um lado, uma conchinha para o outro) e assim



Maria da Glória



Maria Fernandes

m Santa Maria



Onde me criei, naquele tempo tinha 27 casas cheias de gente e ajuntávamos todos.

As camisolas eram para vender? Agente levava quase sempre para os Melos e para Santa Bárbara, eles aceitavam as camisolas e agente podia trazer em fazendas. Eles não davam dinheiro agente. Levávamos as camisolas, eles lá avaliavam no preço que era e depois com aquele dinheiro agente via se dava para mercar melhorzinho que era uns sapatos. Era o que agente podia levar para vestir, principalmente para os impérios.

Aquelas camisolas quase todas iam para fora. Aqui se mercavam, algumas eram para os barqueiros ou estrangeiros. Os barqueiros que iam para o mar apanhar peixe, porque era muito frio. E se calhava algum usar a camisola aqui é porque não tinha outra coisa para vestir.

Lembra-se de quando acabou o trabalho da lã aqui? Enquanto eu fui solteira trabalhei, depois de casada nunca mais fiz camisolas. A vida era outra.

MARÇO, A ÉPOCA DA TOSQUIA

Maria Braga, de 76 anos
Na sua família quem é que trabalhou a lã? As minhas tias, a minha

mãe, eu e a minha irmã.

Criavam as ovelhas? Sim, agente criava as ovelhas nuns pastos de pequena dimensão e elas estavam presas à corda, lámos mudá-las todos os dias. Quando se chegava a março, a minha mãe ia tosquiá-las.

Era no mês de março para se fazer os trabalhos com a lã antes dos impérios e porque tínhamos de aproveitar as águas da ribeira porque não tínhamos água todo o ano. Tínhamos de começar cedo, para se fazer as camisolas para depois se vender e trazer em mercadoria.

A minha mãe é que tosquiava as ovelhas à tesoura. Depois de cortada, agente escaldava a lã lá em casa e punha-se uns bocadinhos de sabão e com ela ainda quente nuns alguidares, caminhava-se para a Ribeira. Punha-se a lã nos cestos ou um açafate, dentro da água da ribeira a correr e ia-se sacudindo sempre a lã, não era apertada, nem esfregada.

Depois punha-se a escorrer e a secar. Quando estava seca, arrumava-se e quando se queria cardar, dava-se com uma varinha na lã para sacudir bem aquelas terras e abrir mais a lã. Depois, era cardada e fiava-se. Depois torcia-se e juntava-se dois fios e então é que se fazia as camisolas.

Faziam serões? Sim fazia-se, para fiar. A nossa casa era longe das outras casas e então a minha mãe tinha umas pessoas que ajudavam e ela fazia serões na casa delas. Agente é que ia lá, levávamos a lã e elas ajudavam a fiar.

Depois fazia-se as camisas que era para vender. Elas iam para fora, para o continente, para serem vendidas aos homens que iam à pesca do bacalhau. Eles precisavam daquelas camisas porque eram quentes.

As camisolas não eram vendidas a dinheiro. As pessoas que tinham as lojas, ficavam com elas, punham o seu preço e em troca comprávamos tecidos e sapatos para levarmos aos impérios, meias, piúgos para os homens. Não tínhamos dinheiro, aquilo era em troca. Isso para termos as nossas roupinhas porque antigamente agente fazia mais roupas era antes dos impérios. Por isso, é que se tinha de tosquiar as ovelhas cedo para aproveitar a água da ribeira e também para termos roupa para os impérios.

Lembra-se de quando terminou o trabalho na lã? Quando o trabalho da lã em Santa Maria terminou, há uns 50 anos, eu cheguei a trabalhar com a minha mãe e, como aqui já não compravam, cheguei a levar camisolas para vender em São Miguel, na Casa Brasil, e também não trouxe dinheiro, trouxe panos para fazer umas colchas.

na um novelo grande e outras já botam no sarilho para ficar em meada. Às vezes, era ao gosto das pessoas. Depois

dali, era cortar botão no sarilho, bordava-se e toca a fazer camisolas.

Faziam serões? Fazia-se serões um dia

para umas, outro dia para outras. Cantava-se, os homens jogavam às cartas e era divertido.



Trabalhos de lã



Maria Jesus Braga